



## **Sobre Letramentos e Mobilidades na Sociedade Contemporânea<sup>1</sup>**

Cláudia Maria Moraes BREDARIOLI<sup>2</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

A configuração das novas mídias e da convergência midiática que se desenha, enquanto agentes socializadores, pede a participação de receptores-atores para que de fato possam acontecer. É preciso pensar, então, como e o que aprendemos nessa nova condição para sairmos do estado de puro e simples acesso à tecnologia (mas sem capital pessoal que permita o uso e a apropriação de toda a parafernália técnica). Somente a partir da aquisição de um capital digital – a ser conquistado a partir de elementos trazidos pela educação – é que poderemos pensar na formação de atores no que tange à interatividade trazida pelas novas mídias. Mas, contar com a existência de receptores-produtores, aptos a utilizarem esse capital digital para apropriarem-se das tecnologias, das novas mídias e das novas condições de inserção social, trata-se de um desafio da sociedade como um todo.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; educação; internet; mídias digitais; recepção.

### **TEXTO DO TRABALHO**

Hoje a educação precisa envolver a formação de receptores-atores aptos a interagirem com as mídias atuais e delas se tornarem parte integrante. A personalização da comunicação em pequenas telas que levamos conosco – que nos permitem novas possibilidades, novas convergências – nos coloca diante de uma também nova condição comunicativa, que modifica nossa maneira de ser e de estar no mundo. Mais do que isso, diante da mudança de época em que vivemos (conforme captada por Martín-Barbero, na qual o velho sistema ainda não acabou de morrer enquanto um novo também ainda não acabou de nascer), a configuração das novas mídias e da convergência midiática que se desenha, enquanto agentes socializadores, pede a participação de receptores-atores para que de fato possam acontecer.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECA-USP, email: cbredarioli@yahoo.com.br.



Segundo Martín-Barbero, estamos numa sociedade da educação, uma sociedade na qual nos educamos não só no sistema educativo formal, mas também por meio das diversas telas às quais estamos expostos, das quais participamos e a partir das quais estamos aprendendo. É preciso pensar, então, como e o que aprendemos nessa nova condição.

Ao observarmos os processos comunicacionais da atualidade, especialmente os alocados no âmbito da internet, encontramos uma linguagem imagética intrinsicamente conectada à palavra, a signos possíveis apenas neste momento atual de nossa sociedade. Passamos, assim, dentro dos estudos de Comunicação, a necessitar discutir outras condições e processos de letramento que permitam a inserção e o consumo de mercadorias que hoje ganham também novas acepções de valor.

Mas dizíamos sobre a importância do letramento para nos colocarmos diante e dentro dessa instância da imagem ao vivo. Ora, educação é linguagem. Diz respeito à produção de bens simbólicos. Daí a necessidade de aprender a ler signos distintos e de responder a como os sentidos são produzidos (no sentido de serem constituídos) – o que pode ocorrer de forma verbal ou não. Isso porque o uso da imagem faz parte da cultura contemporânea. Nos dias atuais a imagem se transformou numa relação social, não é mais apenas uma representação das coisas, está incorporada a elas. Especialmente na nossa cultura latinoamericana, basicamente oral, que não se desenvolveu a partir da passagem pelo livro.

Poderíamos falar até em uma sociedade da aprendizagem. E caberia destacar que, sob essa ótica, não se deve confundir processo educativo com ensino – visto que a aprendizagem não vem apenas do processo de ensinamento. Não necessitamos de alguém que nos ensinem algo para podermos aprender. Entra também aqui a questão da exposição ao saber e ao questionamento, ao desenvolvimento de um olhar crítico, à necessidade de experimentações que essa convergência midiática exige para que o usuário torne-se ativo e produtor (em vez de somente receptor) diante dela. Estamos diante do paradigma da experimentação, no qual, fazendo cliques e mais cliques, descobrimos. Ampliam-se, desse modo, as aprendizagens não-formais, envolvendo agentes socializadores outros que não somente os tradicionais e institucionalizados (como escola, família ou religião), já que o tempo que passamos diante das telas é muito maior do que o tempo que passamos diante das instituições educativas formais.



Agora a questão comunicacional gira em torno de alcançar audiências participativas e, muito mais, incentivar essa participação dos usuários – algo que envolverá apropriação de distintas linguagens para mover-se entre as telas. Ou seja, há um desafio maior, que envolve a necessidade de formação para emissão nas convergências participativas. E há que se pensar de onde virá essa formação já que somente a possibilidade de interatividade nos traz essa chance de tomar o objeto e modificá-lo realmente. Orozco defende que temos os elementos para sermos emissores, sermos plenamente comunicadores. Mas isso requer prática, requer desenvolvimento de competências.

De sorte que o desafio para os educadores são as novas educações (no plural). Reinterpretar deixou de ser o desafio central para uma recepção crítica, porque, antes, o conteúdo estava intocado, por mais que incentivássemos esse olhar crítico das audiências. Assim, deixa-se de lado o modelo linear de Laswell com os pólos de emissão e da recepção, onde estávamos nós, no pólo da recepção, enquanto o mercado, os governos e outras instituições ocupavam o pólo da emissão (o mercado era o emissor de mercadorias e o governo, de idéias, etc). A atual condição comunicativa modifica esse modelo. Tomamos agora as audiências participativas e ativas, que se converteram também em audiências emissoras de processos de comunicação.

Contudo, há que se ressaltar que ainda não superamos nossa condição de colonizados para podermos pleitear esse “reencantamento”, essa possibilidade de interferirmos ativamente no conteúdo que está dada. Isso requer um processo educativo integrado para podermos de fato nos apropriar da tecnologia, para usá-la em qualquer direção. Temos que modificar nossa maneira de estar no mundo digital e isso não é simples, mas essa possibilidade tecnológica nos permite ser um pouco otimistas, pois mudamos o paradigma da transmissão de informação.

Todo o processo já não depende mais apenas da transmissão, mas da experimentação, da criatividade para dar início a um processo de acerto/erro para lidar com os novos meios, a partir do momento que, para descobrir sobre esses meios são necessárias nossas tentativas e experimentações. É nesse sentido que temos a possibilidade de sermos otimistas com as novas telas, que nos pedem que sejamos sujeitos criativos para



darmos continuidade ao processo de interatividade com essas tecnologias. Ainda assim, é preciso pensar que, se não formos criativos, essa interatividade estará bloqueada.

Isso modifica a questão da audiência e interfere diretamente na condição de sermos receptores e emissores. Requer múltiplas alfabetizações, como dissemos, pois precisamos interagir com lógicas distintas de produção. Mas estamos em busca dessas novas alfabetizações sem termos conseguido cumprir com a tarefa de alfabetizar “tradicionalmente”. E será que estamos suprimindo mais um passo no processo de aprendizagem como houve na relação da oralidade sem a passagem pelo livro?

Não é mais possível separar a condição de aprendizagem do uso dessas telas. Assim, ao que nos parece, há um momento ideal em vigência para essa vinculação entre educação e comunicação. Ainda que consideremos, inexoravelmente, que há um grande número de usuários que estão produzindo conteúdos, mas a grande maioria se mantém como a audiência tradicional “que quer chorar diante da telenovela”. Ainda é preciso identificar quais são as lógicas que estão por trás desses processos de produção. Não basta pensarmos que a partir de agora todos iremos produzir vídeos e criar blogs. Não é fácil o reconhecimento adequado e correto das múltiplas telas, tampouco é simples saber fazer os cliques.

Passar da condição de audiência somente para sermos usuários (de outras telas que não a TV, especialmente) é uma mudança paulatina que começa a ser percebida aos poucos, até chegarmos ao ponto, segundo Orozco de “darmos poder a nós mesmos para nos assumirmos como emissores competentes a influenciar os outros”.

A partir da ideia de ecossistema, podemos pensar que vivemos sob uma torrente midiática que, diferente das outras correntes teóricas da Comunicação, não se pensa somente na relação com um só meio para gerar um processo. Aqui há que se pensar em vários meios. Daí ecossistema de meios, um mega sistema de meios, visto que cada meio não é uma ilha, uma empresa única. Eles estão conectados, formam um conjunto. Enquanto nós, como audiência, recebemos, essa torrente mediática de uma só vez. Estamos conectados a tudo a todo o tempo a uma espécie de bombardeio em todos os nossos sentidos: visão, tato, olfato... O que se transmite em comunicação é um conteúdo intangível, disponível em canais simultâneos e permanentes de distintas fontes de



informação, de modo que o conteúdo em si passa para segundo plano e não se trata mais de um contato por meio da razão. Mas qual será a alfabetização necessária para o sentir?

Têm surgido novas formas de trabalhar e estudar na sociedade em rede, novos modos de relacionar-se que exigem, ao mesmo tempo, novos tipos de organização do trabalho, da escola e da sociedade, enfim, que se reestruturam a partir das mudanças trazidas pela convergência tecnológica. Contudo, essa “evolução” ainda está em processo e, provavelmente, quando alcançarmos seu ponto “ideal”, talvez uma nova realidade tecnológica esteja em jogo exigindo mais e mais adaptações e apropriações. Ou, se considerarmos a expectativa de CROVI DRUETTA (2002), “pensar y esperar que, pasado el éxtasis inicial que provocan las NTIC en la vida cotidiana, los jóvenes serán capaces de tomar la distancia suficiente para proponer los límites que contendrán a la convergencia y construir los canales que les permitirán sacarle el mejor provecho”.

Essa revisão das estruturas, bem como de seus modos de funcionamento, faz-se necessária a partir do momento em que se fundem na sociedade a real-virtualidade e virtu-realidade – e daí formam-se as novas redes sociais, que envolvem o imaginário dos “personagens” criados pelos jovens ao trafegar pela *web*, ao mesmo tempo em que expõem essa virtualidade ao cotidiano “real”. Mas essa virtualidade muitas vezes tem de encontrar brechas para se realizar. É o *motoboy* que pára em uma *lan house* para ‘vestir seu avatar’ nos minutos que lhe restam entre uma entrega e outra na qual enfrenta o trânsito de São Paulo. É o estagiário que tem a oportunidade de beijar virtualmente a namorada, segundos depois de levar uma bronca do chefe. É o abraço enviado pelo celular num momento de dificuldade. É a possibilidade de organizar o *show* de uma banda de garagem sem precisar de patrocínios magnânimos. Nesse espaço estariam as experimentações.

Esses novos modos de estar juntos e essa formação de um novo *sensorium*, conforme Benjamin, ocorrem a partir do momento em que o meio de comunicação permite às pessoas experimentarem novas sensibilidades e sentidos. Da mesma forma que a Internet “aproxima” virtualmente as pessoas, ela os separa fisicamente. Os indivíduos inseridos tecnologicamente têm outras maneiras de se encontrarem – que diferem das do passado. Hoje em dia as pessoas se encontram e até se apaixonam pela Internet (*sites* de relacionamento, MSN, Skype, etc.), não enviam mais cartas, enviam *e-mails* (FREIRE



in SILVA, 2003). E este é um caminho que não permite ao processo comunicativo se esgotar em si mesmo, daí possibilitar a criação de um ambiente novo. Crovi nos apresenta algumas pistas para isso:

La naturalidad con que la juventud se ha apropiado y convive con la convergencia, es la razón que les impide detectar sus debilidades, por lo menos en primera instancia. (...) Cuando se piensa en capacitar para la convergencia se suele pensar sólo en los llamados *tecno cerebros*, o sea jóvenes con base tecnológica sólida capaces de innovar en materia informática, pero la gama es mucho mayor porque va desde un simple operario o encargado de inventario hasta el más alto nivel de decisión. Por todos ellos debe atravesar un nuevo tipo de educación que los habilite para el trabajo en la era de las redes. (CROVI DRUETTA, 2002)

A configuração desse novo *sensorium* também traz inovações nas formas de ler, ouvir, ver e sentir o mundo, como já dizia Paulo Freire, em relação ao ato de aprender. Trata-se, assim, de criar novos significados compartilhados, para novos atores que poderão interpretar papéis diferentes na sociedade.

A cibercultura – e, mais do que isso, a convergência de fluxos, sentidos, etc. – tem permitido a construção dessas novas sensibilidades. As novas tecnologias trazem alterações nos processos receptivos dos indivíduos, mudando a percepção sensorial da sociedade e, com isso, as formas de aprender, se relacionar e viver o cotidiano. Novas questões levantam-se a partir desse novo *sensorium* e desabrocham interfaces, interatividade, polifonia, colaboração e as novas autorias. E não devem terminar por aí os desafios de compreensão desses aspectos da sociedade em rede. Segundo Crovi:

Resulta no sólo interesante sino de fundamental importancia para el futuro económico de las naciones, en especial, de aquellas que como México experimentan enormes diferencias en la infraestructura y el acceso a los productos de la convergencia. Este hecho, conocido como abismo o brecha digital, puede leerse en cifras realmente preocupantes, la mayoría de las cuales están vinculadas a los sectores laborales y de manera especial a los jóvenes. (...) Para nosotros enfatiza la necesidad de estudiar la relación trabajo-convergencia tecnológica, en especial entre los jóvenes, actores fundamentales de las transformaciones que se están operando en los sistemas productivos y que han llevado a hablar de la *new economy*, como un proceso en el cual la innovación y la convergencia tecnológica ocupan un lugar preponderante. En este contexto las condiciones laborales cambian y en buena medida se sujetan a las ventajas que ofrecen las herramientas de la convergencia tecnológica. (CROVI DRUETTA, 2002)

Como um ponto de contato entre essas percepções teórico-concentuais e o cotidiano, tomamos a observação do movimento de expansão das *lan houses* pela periferia das grandes cidades. Visto que dessa possibilidade de inserção vislumbrada por meio da tecnologia nasce a aproximação a um grupo, a outros jovens que de certo modo



objetivam a mesma inclusão, podemos considerar essas *lan houses* também como agentes socializadores (da mesma forma que a mídia, a escola, a igreja ou a família) no sentido de que contribuem para a construção de identidade desses jovens, tornando-se parte inerente de seus cotidianos. Neste aspecto vale destacar que ocorre a constituição de um novo cotidiano, no qual um jovem de periferia passa todo o fim de semana e até mesmo dorme em uma *lan house* com a convivência da família que, afinal, considera que ele esteja em um local “seguro” (*Folha de S. Paulo*, 21 set. 2007).

Assim, identificar de que maneira ou até qual ponto o fato de esses jovens frequentarem as *lan houses* dimensiona esse processo de inclusão – ou, conforme destacamos aqui, da possibilidade de experimentação, aprendizagem e produção nessas novas mídias – foi um dos desafios que nos apresentamos em uma experiência de pesquisa empírica de recepção (Bredarioli, 2008). Mais do que isso, destacamos a importância de olhar mais de perto para esse novo agente socializador que se soma aos demais na formação dos atuais cidadãos, e sobre o qual se sabe muito pouco. Daí o porquê de a pesquisa em Comunicação precisar compreendê-lo.

Ainda que surja e se desenvolva dentro da ordem do capitalismo global – reproduzindo, assim, os processos de produção midiática tradicionais – esse movimento de proliferação das *lan houses* nas periferias traz consigo um forte componente local e, por consequência, cultural, de maneira que sua ordem, de fato, só é estabelecida se houver também a participação dos que estão diretamente envolvidos com a constituição desses espaços. Não se trata, desse modo, de um processo imposto, como ocorre na escola, na família e na igreja. Assim, de alguma forma, o acesso público à Internet tem trazido a construção de novas redes sociais em torno de uma rede virtual, num cenário em que a proliferação de *lan houses* por todo o Brasil tem papel preponderante.

Fica claro, porém, que muitas vezes os excluídos digitais não têm a clareza de que são as ações cotidianas (que eles não realizam na rede possivelmente por não as realizarem de qualquer outro modo) que ratificam sua condição de exclusão. Se não têm conta em banco, não precisarão dominar a tecnologia para movimentar seu salário. Se não estão inseridos no mercado de trabalho, se não têm dinheiro para comprar produtos pela rede, se a escola não exige que naveguem para além do Orkut, por que, afinal, o fariam? O excluído digital – ou o receptor sem condição aparente de tornar-se produtor – é,



portanto, o indivíduo que não dispõe de recursos materiais nem tampouco de conhecimentos para acessar, interagir, se apropriar e produzir conteúdos utilizando os recursos disponíveis na rede. “As limitações que definem o excluído digital não são apenas econômicas, mas podem ser sociais, como idade ou sexo, físicas, como deficiências e necessidades especiais, ou ainda culturais, como a religiosidade, entre outros” (BALBONI, 2007). É interessante pensarmos nessa questão a partir do que afirma Castells:

A Internet é de fato uma tecnologia da liberdade – mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados, pode levar à exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor. Nesse sentido geral, a sociedade não mudou muito. Mas nossas vidas não são determinadas por verdades transcendentais, e sim pelos modos concretos como vivemos, trabalhamos, prosperamos, sofremos e sonhamos. Assim, para agirmos sobre nós mesmos, individual e coletivamente, para sermos capazes de utilizar as maravilhas da tecnologia que criamos, encontrar sentido em nossas vidas, melhorar a sociedade e respeitar a natureza, precisamos situar nossa ação no contexto específico de dominação e libertação em que vivemos: a sociedade de rede, construída em torno das redes de comunicação da Internet. (CASTELLS, 2003, p.225)

Atingir essa libertação de que fala Castells, contudo, exige capacidade de apropriação da tecnologia que envolve o poder de articulação para uma narrativa multimidiática e interativa que está além do simples domínio da tecnologia, ou seja, requer uma alfabetização digital, ou uma alfabetização de experimentações, ou ainda, como tratamos aqui, o desenvolvimento de um capital digital que permita essa mobilidade e criatividade.

E a nosso ver é aqui que entra o papel da educação – e conseqüentemente da escola enquanto outro agente socializador atuante em conjunto – como imprescindível nesse processo de aquisição de letramento para as novas mídias, ou para quaisquer outros agentes que participarem desse processo, ainda que o ensino tal qual se aplica hoje deva ser revisto para esse fim:

A escola teria um papel único e diferenciado enquanto agência educadora, pois, diferentemente, por exemplo, dos veículos de comunicação, reuniria elementos seja para promover sistematizações vivenciadas nos jogos interlocutivos diretos, seja para exercitar de modo conseqüente modalidades discursivas críticas, não ajustadas a estratégias imediatistas e diluidoras que costumam fazer companhia aos *media*. (CITELLI, 2002, p. 99)

Essas diferentes apropriações do conteúdo da Internet, desveladas por meio de níveis também diferentes de alfabetização (não só digital), puderam ser observadas por nós em uma pesquisa em campo realizada no primeiro semestre de 2006, na qual traçamos um



retrato que aponta para a identificação de uma capacidade bem maior – tanto de uso quanto de crítica – dos universitários de classes mais altas na sua relação com a Internet, a partir de variados interesses e sinapses apresentados pelos nativos digitais *versus* os que migraram para o uso dessas tecnologias.

Um dos fatores que interferem nesse contexto observado é, provavelmente, que isso se deva ao fato de essa geração ter estado exposta à rede mundial de computadores praticamente ao longo de toda a vida, no caso dos mais ricos, ou, ao contrário, de começar a ter acesso agora a essa tecnologia (especialmente por meio da universidade, ou pela inserção no mundo do trabalho), no caso dos mais pobres. Um ponto comum verificado entre os estudantes foi o fato de quase todos acessarem a Internet todos os dias e terem contato com a rede tanto em casa quanto na escola ou no trabalho, independentemente do nível socioeconômico ao qual pertenciam. Os alunos de classes sociais mais altas, contudo, demonstraram maior domínio sobre o uso da tecnologia, bem como diversidade na apreensão de suas aplicações, principalmente em relação à navegação em *sites* especializados, de pesquisa ou relacionados a preferências pessoais – muitos dos quais incluem interatividade por meio da rede, atuando como produtores. Os alunos de nível socioeconômico mais baixo optaram por navegar por *sites* bastante conhecidos, situados em torno do ‘lugar comum’ dentro do que se trata de escolhas de *sites* na rede. Sendo que todos têm como predominância o caráter noticioso e pressupõem uma “navegação passiva” (sem a possibilidade de participação do usuário).

Essas percepções, ainda que de pouca relevância quantitativa, apontaram para outro fator essencial na análise dos diferentes comportamentos: o histórico de vida desses jovens, que nas classes mais altas possivelmente puderam estudar em escolas melhores, viajar ao exterior, etc. Essa condição, conceituada por Bourdieu como capital social ou cultural (1996) é determinante na apropriação que se faz dessa tecnologia em contraponto ao determinismo tecnológico, conforme pontua Setton:

Para Bourdieu capital cultural é um conceito que explicita um novo tipo de capital, um novo recurso social, fonte de distinção e poder em sociedades em que a posse deste recurso é privilégio de poucos (Bourdieu, 1996a). Refere-se a um conjunto de estratégias, valores e disposições promovidos principalmente pela família, pela escola e demais agentes da educação, que predispõe os indivíduos à uma atitude dócil e de reconhecimento frente as práticas educativas. (...) Bourdieu não desconsidera a existência dos grupos populares na disputa pela cultura legítima. O que afirma é que as diferenças de acesso e de aquisição à cultura entre os grupos sociais confere aos mais



privilegiados um poder real e simbólico que os habilita a ter as melhores performances escolares. (SETTON, 2005, p.68-9)

Outra pesquisa, realizada na Universidade de Michigan, atualiza o conceito de capital social diante das novas tecnologias, especialmente a Internet, mostrando que o acesso à rede tem sido relacionado tanto à ampliação quanto à redução desse capital, mais do que isso, parte da premissa de que os hábitos de relacionamento em rede (que envolvem organizar listas, montar um diretório de fotos, ou ser capaz de realizar buscas) também interfere na própria constituição desse capital social:

The Internet has been linked both to increases and decreases in social capital. Nie (2001), for example, argued that Internet use detracts from face-to-face time with others, which might diminish an individual's social capital. However, this perspective has received strong criticism (Bargh & McKenna, 2004). Recently, researchers have emphasized the importance of Internet-based linkages for the formation of weak ties, which serve as the foundation of bridging social capital. Because online relationships may be supported by technologies like distribution lists, photo directories, and search capabilities (Resnick, 2001), it is possible that new forms of social capital and relationship building will occur in online social network sites. Bridging social capital might be augmented by such sites, which support loose social ties, allowing users to create and maintain larger, diffuse networks of relationships from which they could potentially draw resources (Donath & boyd, 2004; Resnick, 2001; Wellman et al., 2001). Donath and Boyd (2004) hypothesize that SNSs could greatly increase the weak ties one could form and maintain, because the technology is well-suited to maintaining such ties cheaply and easily. (ELLISON, STEINFELD, LAMPE, 2007, *on-line*)<sup>3</sup>

Porém, naquele nosso breve estudo infelizmente ficou clara a participação dessa mediação social (socioeconômica) desde o recorte dado à pesquisa, uma vez que a mesma foi propositalmente aplicada a classes sociais diferentes, visto que a classe social a que o receptor pertence facilita ou impede sua interação variada com diversas atividades culturais e meios de informação. A cultura, como citado acima, atua também como mediação, exercendo, portanto, uma ação profunda no processo de recepção

---

<sup>3</sup> Tradução livre da autora: “A Internet tem sido relacionada tanto aos aumentos como reduções no capital social. Nie (2001), por exemplo, argumenta que o uso da Internet deprecia o tempo que se passa cara-a-cara com os outros, o que pode diminuir o capital social de um indivíduo. Entretanto, esta perspectiva tem recebido fortes críticas (Bargh & McKenna, 2004). Recentemente, pesquisadores vêm enfatizando a importância das ligações baseadas na Internet na formação de laços fracos, que servem como fundação para suprir capital social. Uma vez que os relacionamentos on-line têm de ser baseados em tecnologias como listas de distribuição, diretórios de fotos e ferramentas de busca (Resnick, 2001), é provável que novas formas de capital social e construções de relacionamentos ocorrerão em *sites* de relacionamento *on-line*. A construção do capital social pode ser incrementada por esse tipo de locais, que comportam perda de laços sociais, permitindo aos usuários criar e manter redes maiores e difusas de relacionamentos das quais eles podem potencialmente retirar recursos (Donath & boyd, 2004; Resnick, 2001; Wellman et al., 2001). Donath e Boyd (2004) trabalham com a hipótese de que SNSs podem aumentar significativamente os laços frágeis que se pode formar e manter, porque a tecnologia comporta a manutenção desse tipo de laço com facilidade e de forma não dispendiosa”.



(conceito sobre o qual trataremos a seguir). Essa ação dos referentes culturais sobre a re-elaboração dos conteúdos comunicativos ficou evidente no levantamento realizado, aproximando os mais ricos da condição de produtores e ratificando aos mais pobres a condição de receptores que consomem o que os outros produzem.

Segundo Baccega (2003), essas transformações implicam, sobretudo no que se refere aos jovens, mudanças de sensibilidades (dentro do contexto da formação de um novo *sensorium*, como dissemos anteriormente), “disponível para os chamados *idiomas* da tecnologia: a interação com a realidade, a vivência cultural, já não passa mais pelas falas animadas dos mercados em discussões sobre os preços ou pelas festas tradicionais de seu grupo; passa, isso sim, pela mediação do conectar-se ou desconectar-se dos aparelhos, ainda com destaque para a televisão”. Trata-se de uma nova cultura, que produz saberes e habilidades fortemente distintos dos anteriormente exigidos. Esses novos modos de estar juntos e essa formação de um novo *sensorium*, como citamos a partir de Martín-Barbero (1998), ocorrem desde o momento em que o meio de comunicação permite às pessoas experimentarem novas sensibilidades e sentidos.

Assim, o contexto que temos especial interesse, a interação entre receptores e Internet, está, evidentemente, permeado por diversas mediações que, na sociedade contemporânea, giram em torno da tecnologia, como expõe Baccega:

Cidadania e tecnologia não se dissociam. A inclusão digital, concebida como práxis de cidadania, resulta dessa conjunção experimentada a partir de uma visão de totalidade. Habilidade indispensável, o domínio dos aparelhos constitui-se apenas em parcela dessa inclusão digital. (BACCEGA, 2007, p.2)

Por isso, avaliamos que, apesar das diversas assertivas acerca da exclusão digital, é inegável, como também vimos, o papel das novas tecnologias no mundo contemporâneo. Seja ele para compor e ratificar os mecanismos de poder globais – especialmente o econômico – e/ou possibilitar brechas para uma atuação paralela.

Assim, o levantamento por nós realizado com os usuários de *lan-house* na periferia de São Paulo (Bredarioli, 2008) talvez aponte para uma evidência do que a expansão



desses estabelecimentos tem criado: uma massa de internautas funcionais<sup>4</sup> – com acesso à tecnologia, mas sem capital pessoal que lhes permita o uso de toda essa parafernália. Mais do que isso, sem ter perspectiva que outros agentes sociais, como a escola e a família, lhes promovam essa condição de não só consumir a tecnologia, mas se apropriarem dela para protagonizar novos conhecimentos. E, conseqüentemente, com poucas possibilidades de se tornarem atores no que tange à interatividade trazida pelas novas mídias.

Certamente há ainda a questão do centro urbano permeando esse cenário, visto que essa expansão das *lan-houses* tem sido identificada com muito mais força nas grandes cidades do que no interior. No caso do subdistrito de Raposo Tavares, onde empreendemos nosso estudo, esse fator evidencia-se claramente. Sua localização periférica (a cerca de 35 quilômetros do centro da cidade) interfere nesta questão, já que os jovens pouco saem de sua região, apesar de transitarem bastante entre os bairros. E talvez aí, voltando à questão das tribos e da aproximação a um grupo que as *lan-houses* e a Internet têm proporcionado, esse processo possa fazer sentido.

Sem dúvida, esses novos espaços trazem, sim, transformações nas práticas cotidianas e na percepção sensorial dos jovens, mas essas mudanças estão mais próximas de atividades que preencham uma necessidade criada pelo próprio surgimento da tecnologia. Evidentemente há um papel social nisso. Como os próprios pais, dentro do senso comum, pontuam: “é melhor que eles estejam na *lan-house* do que na rua”. Sem dúvida, na periferia, como também vimos, esses espaços têm se constituído em opções de lazer que, talvez, pudessem ser substituídas por cinemas, parques, teatros ou circos caso houvesse diversidade de ofertas e opções nos bairros distantes do centro. E, enquanto lócus de sociabilidade, permitem retomar a troca de olhares, cheiros, conversas e paixões.

De modo que não está na disponibilidade de equipamento o cerne da discussão em torno da exclusão digital, ou mesmo da possibilidade de uma alfabetização para a

---

<sup>4</sup> Em referência aos analfabetos funcionais – termo adotado pela Unesco para definir um nível de instrução em que a pessoa sabe ler e escrever, mas é incapaz de interpretar o que lê e de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas, segundo MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Analfabetismo funcional" (verbete). *Dicionário interativo da educação brasileira* – EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em : <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=132>. Acesso em: 12 jan 2008.



convergência que permita a aquisição de um capital digital. Assim, retomamos a questão central da educação neste processo, conforme Foucault:

Sabe-se que a educação embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição no que impede e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (FOUCAULT, 2003, p. 43)

Dá a importância do papel da escola na constituição de mudanças no cotidiano social, a partir da criação efetiva de um capital digital para os sujeitos que terão capacidade de se apropriar das tecnologias em prol da cidadania – ou, na expressão poética de Beto Guedes e Ronaldo Bastos em *Amor de índio*, de que “tudo o que move é sagrado e remove as montanhas”. Segundo propõe Citelli:

A escola deve ser um espaço de trabalho onde ocorre a passagem do lugar-comum para o conhecimento elaborado, num movimento que visa a fazer da matéria empírica, conceito. E que, igualmente, ensina o sujeito a reconhecer-se no processo de transformação, transformando-se. (CITELLI, 2002, p. 111)

Há que se pensar, isso sim, em como aproximar o discurso da escola do discurso produzido sob um aspecto convergente (da mídia, das experiências, das relações). Isso porque, a partir do que observamos empiricamente, ainda que estejam incluídos, no sentido de terem uma condição socioeconômica razoável, estudarem e terem acesso às novas tecnologias (mesmo os que não têm computador em casa), os jovens da periferia não dispõem de capital social, cultural ou digital para se moverem dentro do ambiente em que atuam. E assim voltamos a Setton para tentar compreender que, fossem dadas as condições de desenvolvimento desse necessário capital digital para a atuação dos cidadãos na sociedade contemporânea, aí sim surgiriam – também por intermédio das novas tecnologias – novas condições de movimentação social:

De uma certa forma estou afirmando que as transformações de ordem cultural derivadas sobretudo da evolução da reprodutibilidade técnica dos textos e das imagens, tal como a diagnosticada por Walter Benjamin na década de 30 do século passado, colabora com uma nova forma de apreender, usar e usufruir as produções culturais. Para este autor, a evolução técnica possibilita o despertar e a ampliação de nossa sensibilidade perceptiva e cognitiva. Oferece novas condições de apropriação e recepção de representações e conhecimentos sobre o mundo. Neste sentido pode-se pensar na ampliação do potencial das capacidades reflexivas do indivíduo contemporâneo. (SETTON, 2003, *on-line*)



Também recorrendo a Benjamin e à condição de produção que tem como principal propósito a possibilidade de reprodução (BENJAMIN in LIMA, 2000) e, acrescentaríamos, de produção, criação e apreensão, Martín-Barbero aponta uma comparação com as idéias de Vattimo pouco animadoras se pensarmos na relação das tecnologias com este cenário:

A experiência do progresso moderno, na qual W. Benjamin vira um tempo homogêneo e vazio, é a que G. Vattimo desvela na sociedade atual: a renovação permanente e incessante das coisas, dos produtos, das mercadorias, está “fisiologicamente exigida para assegurar a pura e simples sobrevivência do sistema” (e na qual) “a novidade nada tem de revolucionário nem perturbador”. (MARTÍN-BARBERO in MORAES, 2006, p. 72)

Daí a necessidade da dimensão desse desafio precisar ser entendida como um processo dentro do movimento global que se imprime no planeta. De maneira que ele não se impõe somente à educação, por meio da escola ou de meios correlatos, mas também às outras instituições que regem a sociedade. Contar com a existência de receptores-produtores, aptos a utilizarem esse capital digital do qual falamos para apropriarem-se das tecnologias e das novas condições de inserção social, trata-se de um desafio da sociedade como um todo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Tecnologia e comunicação: produção e recepção por sujeitos contemporâneos. In: **Seminário Comunicação e Trabalho: pluridisciplinaridade, interfaces e mediações**, São Paulo, Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 23 e 24 ago. 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. Tecnologia e construção da cidadania. **Comunicação & Educação**. nº 27. mai/ago de 2003. Disponível em <[www.eca.usp.br/departam/cca/cultext/comeduc/apresenta/artigo27.htm](http://www.eca.usp.br/departam/cca/cultext/comeduc/apresenta/artigo27.htm)> Acesso em 15 de outubro de 2004.

BALBONI, Mariana Reis. **Por detrás da inclusão digital**: uma reflexão sobre o consumo e a produção de informação em centros públicos de acesso à Internet no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). São Paulo, 2007. Escola de Comunicações e Artes/USP.

BREDARIOLI, Cláudia Maria Moraes. **Comunicação em rede, novos agentes socializadores e recepção/práticas culturais**: o consumo de Internet em lan-houses na



periferia de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo). São Paulo: ESPM, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet** – reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CITELLI, Adílson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. 2. ed. São Paulo: Senac, 2002.

CROVI DRUETTA, Delia. Convergencia tecnológica, juventud e trabajo. **2001 efectos del globalismo y pluralismo**. Montreal: Gricis, 24-27 abr. 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Cidade virtual: novos cenários da comunicação. **Comunicação & Educação** n.11, jan/abr, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARTÍN-BARBERO. **Ofício de cartógrafo** – travessias latino-americanas da comunicação e da cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MORAES, Dênis de (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. **Comunicação & Educação**, nº 23. São Paulo: Moderna/CCA, 2002.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Televisión, audiencias y educación**. Buenos Aires: Norma, 2001, p. 39-62.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural – pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos populares. **Intercom** – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4907/1/NP11SETTON.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2007.